



## Tarantino, Bastardos Inglórios e o Cenário Pós-Moderno <sup>1</sup>

Herôn Victor Gurjão FARIAS <sup>2</sup>

Fábio Fonseca CASTRO <sup>3</sup>  
Universidade Federal Do Pará, Belém, PA

### RESUMO:

O trabalho aqui descrito se refere a uma análise da visão do diretor e roteirista Quentin Tarantino, segundo seu filme de 2009 “Bastardos Inglórios” no cenário estético e pós-moderno construído no meio contemporâneo, o artigo cita alguns autores e descreve alguns conceitos que foram identificados no filme e na visão do cineasta, o artigo ainda traz algumas citações em outros filmes fazendo um paralelo da visão do roteirista com o cenário pós-moderno.

### PALAVRAS-CHAVE:

Quentin Tarantino; Bastardos Inglórios; Pós-Modernismo; Cinema; Comunicação .

### TEXTO DO TRABALHO

Bastardos Inglórios foi o mais recente filme do roteirista e diretor Quentin Tarantino, lançado em 2009 teve um orçamento de US\$ 70 milhões e arrecadou US\$ 313 milhões nas bilheterias. A escolha deste como objeto de análise se deu pela razão de ter encontrado diversas referências do cinema clássico e contemporâneo, assim, tentarei expor aqui minha visão a partir dos textos e do cinema pós-moderno de Quentin Tarantino neste filme.

Em um breve resumo, o filme se passa na Segunda Guerra Mundial, na França ocupada pelos Nazistas. No primeiro ano da ocupação da França pela Alemanha, Shosanna Dreyfus (Mélanie Laurent) testemunha a execução de sua família pelas mãos do coronel nazista Hans Landa (**Christoph** Waltz). Shosanna escapa por pouco e parte para Paris, onde assume uma identidade falsa e se torna proprietária de um cinema. Em outro lugar da Europa, o tenente Aldo Raine (Brad Pitt) organiza um grupo de soldados americanos judeus para praticarem atos violentos de vingança. Posteriormente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como requisito à conclusão da disciplina Estética da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UFPA, email: [heronvictor03@gmail.com](mailto:heronvictor03@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFPA, email: [fabio.fonsecadecastro@gmail.com](mailto:fabio.fonsecadecastro@gmail.com)



chamados pelo inimigo de “os Bastardos”, o esquadrão de Raine se une à atriz alemã Bridget Von Hammersmark (Diane Kruger) em uma missão para derrubar os líderes do Terceiro Reich. O destino conspira para que os caminhos de todos se cruzem em um cinema, onde Shosanna, pretende colocar em prática seu próprio plano de vingança.

Analisando filmes anteriores, vemos que Tarantino sempre gosta de elogiar o estilo clássico do passado, vemos isso em filmes como, por exemplo, no filme “Death Proof” e “Planet Terror”, ambos de 2007, o diretor se utiliza do estilo clássico dos antigos filmes de Terror Trash (estilo considerado por muitos como “o melhor estilo de filmes de terror”), em meio a tantos filmes cheios de efeitos especiais bem elaborados, o fato de se ter um filme com cenas e efeitos toscos e muito, muito sangue acaba não agradando a muitos, e isso para um filme de Quentin, já era de se esperar, porém o que vemos é que mesmo usando o estilo trash, Tarantino acaba conquistando muitos fãs, não só um público que viveu a geração desses filmes, mas também um público jovem que gosta do estilo retrô.

A visão de Quentin Tarantino em um filme que mostra o cenário nazista, combinando histórias de opressão, infames, verídicas e heróicas vividas na Segunda Guerra. Aqui encontramos então um traço bastante conhecido nos filmes do Tarantino, conhecido como “Cinema Nostálgico”, ou como os franceses chamam de *La Mode Rétro*, já que é um filme que fala sobre o passado e de uma geração específica do passado, fazendo então, parte de obras de um gênero mais tradicional, conhecido como Cinema Histórico, ainda que seja uma obra de ficção a ambientação desta se baseia na realidade histórica.

A fala de Fredric Jameson em “A Virada Cultural” sobre o filme *Star Wars*, citando o filme de Lucas, *Loucuras de Verão* (1973), que inaugurou o gênero Retrô, ilustra bem o fato de Bastardo Inglórios reviver o período da Segunda Guerra reinventando a sensação e a forma de objetos de arte do passado:

Esse filme é, portanto, por metonímia, um filme histórico ou nostálgico. Ao contrário de *loucuras de verão*, ele não reinventa uma imagem do passado na sua totalidade vivida, ao contrário, ao reinventar a sensação e a forma de objetos de arte característicos a um período anterior (os seriados), ele procura reacender um sentido de passado associado àqueles objetos. (JAMESON, 2006, p. 27)

Outro elemento pós-moderno utilizado por Tarantino para recontar a história da segunda guerra foi o Pastiche, através desta ferramenta o diretor mostra e critica



claramente as Caricaturas dos personagens, a maneira como ele conscientemente reduz personagens aos seus estereótipos mais conhecidos, como por exemplo: o americano caipira e bruto, a francesa blasé, o inglês super educado, os nazistas “engomadinhos”, entre outros, o cineasta se utiliza deste recurso para economizar tempo em explicações e construção de personagens.

Com esse Pastiche, uma pitada de humor contida no filme, é possível então que através dos estereótipos, automaticamente o público monte em sua mente, uma visão formada de cada personagem. Já que a caricatura facilita a compreensão e entendimento da história alcançando até mesmo algumas risadas.

Como é habitual na cinematografia do cineasta, ele mistura linguagens, épocas e escolas - que praticamente desaparecem no resultado, tornando-se algo só dele.

Isso nos leva mais uma vez ao Pastiche: em um mundo no qual a inovação estilística não é mais possível, tudo o que resta é imitar estilos mortos, falar através de mascaras e com as vozes dos estilos no museu imaginário. Mas isso significa que a arte pós-moderna ou contemporânea se pautará pela própria arte de um modo novo; mais ainda, significa que uma de suas mensagens essenciais envolverá a falência necessária da arte e dá estética, a falência do novo, o aprisionamento no passado. (JAMESON, 2006, p. 25)

As produções de Quentin não são agradáveis aos olhos de todos, pelo fato de seus filmes serem em sua maioria, muito sangrentos, acabam por fazer muitas pessoas terem certo repúdio por suas obras, e *Bastardos Inglórios* segue essa mesma linha, o que faz com que a nova história “tarantina” fuja mais uma vez do conceito de belo.

Em seu outro filme “*Kill: Bill 1 e 2*”, onde a história relembra os antigos filmes de samurais e faroeste, Tarantino já havia se superado em termo de um filme esteticamente desagradável aos olhos de muitos por conter mutilações em série e verdadeiros Chafarizes de sangue, porém era aclamado pelos fãs de filmes e quadrinhos de samurais e por quem gosta do bom e velho filme de faroeste.

Já no novo filme de 2009, há quem diga que o diretor está mais contido, em meio à segunda guerra, apenas alguns escalpes, surra de taco de baseball e tiroteios no bar acabam sendo pouco para o diretor de “*Pulp Fiction – tempos de violência*”. O mesmo afirmou em uma entrevista que deu na pré-estreia, em Los Angeles que não acha que tenha feito nada diferente de seus filmes anteriores, foi apenas um gênero diferente.

O que acaba acontecendo é que segundo o conceito de belo, o prazer relacionado com o belo, tende a universalizar-se, e é isso que difere do prazer sensível,



Quentin vai contra este conceito, pelo menos no que diz respeito a conceito de belo considerado comum, o que faz com que muitos não consigam sentar na frente do filme e ver que por traz de todo o clima de guerra e retaliação, o roteirista consegue sim colocar uma trama envolvente, e não ser mais um BlockBuster cheio de efeitos e completamente perdido na trama, em “Introdução à Filosofia da Arte” Bendito Nunes, professor da Universidade Federal do Pará afirma:

... o Belo Manifesta-se, de acordo com Kant, por intermédio dos juízos estéticos, ou juízos de gosto, fundamentados na satisfação interior, desinteressada, de caráter contemplativo, proveniente das representações ou intuições, desembaraçadas dos conceitos do Entendimento. (NUNES, 2006, p. 49)

A doutrina Kantiana defende que “O Belo é a forma da finalidade de um objeto, enquanto é conhecido sem a representação de um fim”, e o que vemos no longa é a reinvenção do belo segundo a visão do polêmico diretor, onde vemos cenas que ao mesmo tempo que são belíssimas, acabam causando uma estranheza no espectador devido conter uma natureza de extrema violência, o que acaba não entrando na satisfação interior de muitos, como é citado no trecho acima.

Vemos também como o cinema era consumido mesmo que de forma caricata, quando vemos Hitler assistindo um dos filmes que eram “feitos para Nazistas” onde o diretor ironiza o consumo de filmes que apesar de não terem uma história e sim, apenas um soldado Nazista matando centenas de Judeus, podemos observar que ainda assim, o Cinema está lotado, mostrando como o público pode estar consumindo apenas como uma massa dominada pela situação política da época, fazendo até mesmo um paralelo com o que acontece hoje em dia no consumo de cinema, vemos que atualmente muitas vezes o público se entrega aos “Heróis” criados pelo capitalismo o que faz com que tantos blockbusters sejam consumidos.

O filme “Bastardos Inglórios” para muitos foge ao estilo Tarantino, para outros é o melhor que ele já produziu, porém não se pode negar que o diretor se superou nesta obra, no que se diz respeito à cenas inesquecíveis e um elenco que conseguiu transpor o roteiro de Tarantino para as telas, fazendo com que o mesmo tenha sido sucesso de bilheteria, e que muitos não só tenham, como devem assisti-lo, pois o diretor além de se superar, ousou a mudar a História da Segunda Guerra Mundial e da morte de Hitler.



## REFERÊNCIAS

NUNES, Benedito; **Introdução à filosofia da arte**; 5ª edição, São Paulo: Editora Ática 2006.

JAMESON, Frederic; **A virada cultural: Reflexões sobre o pós modernismo**; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CASTRO, Fábio Fonseca; **Introdução e problematização. Definindo o campo de estudos de uma “teoria da pós-modernidade”**; incompleto.

LEMERT, Charles; **Pós-modernismo não é o que você pensa**; São Paulo: Edições Loyola, 2000.